

## Identidades, cultura e política nas cantigas de Afonso X o Sábio (1252 - 1284).

Mateus Sokolowski<sup>1</sup>

**Resumo:** Através do estudo das *Cantigas de Santa Maria*, compostas na corte de Afonso X de Leão e Castela (1252-1284), temos como principal objetivo descobrir até que ponto os empreendimentos culturais deste monarca contribuíram para a construção de uma identidade unitária do reino. As *Cantigas de Santa Maria* são o maior conjunto de poemas medievais de inspiração religiosa redigidos em galego-português. A partir de uma análise interdisciplinar, com o apoio de estudiosos da área da Literatura, atentaremos ao caráter performático da poesia da Idade Média para confrontarmos elementos das cantigas com a historiografia, dando destaque ao contexto desta produção poética onde o rei tinha que lidar com os desdobramentos da *Reconquista*, caracterizado pelo embate entre o projeto centralizador régio com o conservadorismo da nobreza.

**Palavras-chave:** Afonso X, Cantigas de Santa Maria, nobreza, identidades.

**Abstract:** Through the study of the *Cantigas de Santa Maria*, composed at the court of Alfonso X of Castile and Leon (1252-1284), our main objective is to find out to which extent the cultural initiative of that monarch to develop a unitary identity of the kingdom. The *Cantigas de Santa Maria* is the largest collection of medieval poems written in Galician-Portuguese. From an interdisciplinary analysis, with

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Marcella Lopes Guimarães.

the support of scholars in the Literature's field, we take into consideration the Middle Ages poetry's performative character, in order to confront elements of the songs with the historiography, highlighting the context of this poetic production where the king had to deal with developments of the Reconquista, characterized by the clash between the centralizing regal project with the conservatism of the nobility.

**Keywords:** Alfonso X, *Cantigas de Santa Maria*, nobility, identities.

O desenvolvimento deste artigo foi impulsionado pela monografia realizada na graduação intitulada: *Por Santa Maria! A fina flor da cavalaria nas cantigas de Afonso X (1252 – 1284)*<sup>2</sup>, onde levantamos traços emblemáticos do cavaleiro elogiado nas *Cantigas de Santa Maria*. Porém, mais do que repostas à problemática desenvolvida, descobrimos uma fonte rica, cuja leitura multiplicou nossos questionamentos demandando uma cuidadosa análise que está em curso na pós-graduação<sup>3</sup>.

Neste trabalho temos como objetivo - apresentar a pesquisa em andamento - e discutir até que ponto os empreendimentos artísticos e literários Afonso X, contribuíram para a construção de uma identidade unitária do reino de Leão e Castela. O que pretendemos realizar a partir da contraposição da análise das *Cantigas de Santa Maria* escritas na corte do rei, com uma bibliografia atualizada sobre o tema.

---

<sup>2</sup> SOKOLOWSKI. M. *Por Santa Maria! A fina flor da cavalaria nas cantigas de Afonso X (1252 – 1284)*. UFPR. Curitiba. 2010.

<sup>3</sup> Desenvolve a pesquisa com Bolsa de Estudo de Mestrado pela CAPES.

O reinado de seu pai, Fernando III o Santo (1217 – 1252), foi ilustrado por diversas operações militares, que deram à coroa de Castela a maior parte dos territórios muçulmanos do sul da península durante a *Reconquista*. Tratava-se, na realidade, de uma confederação de reinos: Castela, Toledo, Leão, Galícia, Sevilha, Córdoba, Murcia, Jaén e Badajoz, segundo os títulos reais de Fernando III, que deixou a Afonso X a difícil tarefa de organizar os reinos em uma unidade, bem como defender as novas conquistas<sup>4</sup>.

Afonso X de Leão e Castela foi um dos grandes monarcas ocidentais do século XIII. Elaborou um completo sistema de leis, mandando compor o *Especulo*, as *Siete Partidas*, o *Fuero Real* além de obras historiográficas como a *Crônica Geral da Espanha*. Para Manuel Gonzalez Jimenez, Afonso X recebeu, portanto, merecidamente o cognome de “O Sábio”. Considerado um idealista pelos seus pares, no fim de sua vida enfrentou dificuldades para manter a coroa e viu fracassar seu sonho do título de imperador do Sacro Império Romano Germânico. No entanto, sua obra jurídica bem como seu desempenho de patrono das artes e cultura é universalmente reconhecida como um caso excepcional na história da Europa<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> LOMAX, D. W. *La Reconquista*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p, 212.

<sup>5</sup> JIMENEZ, Manuel Gonzalez. *ALFONSO X EL SÁBIO*. Editorial Ariel, S.A., Barcelona., 2004. Ariel biografías. 1ª. ed. 2ª. imp. edición.

Dentro da expressiva obra poética de Afonso X devemos destacar as *Cantigas de Santa Maria*, compostas em sua corte, são o maior conjunto de poemas medievais de inspiração religiosa redigidos em galego-português. A escolha deste idioma comum pelos trovadores de Portugal e Castela superava as barreiras locais e permitia que esses trovadores circulassem entre as cortes régias destes reinos, que se tornaram um foco cultural de destaque no século XIII<sup>6</sup>, fator que reforça a função difusora e propagandística das *Cantigas*<sup>7</sup>. Até o início do século XIII a poesia peninsular realizada nas cortes estava dominada pelo trovar provençal. Contudo, desde Fernando III, a poesia escrita por poetas galegos e portugueses introduziu-se na corte, relegando os provençais ao segundo plano.

Inspiradas em relatos de milagres da Virgem e em lendas de tradição oral, as *Cantigas de Santa Maria* começaram a ser elaboradas nos primeiros anos do reinado do rei Sábio. A primeira centena fora concluída entre 1257 e 1265. Porém, durante todo o reinado, o projeto de cem cantigas passou para duzentas e depois para 427 poemas acompanhados de iluminuras e notação musical. A Cantiga 386, por

---

<sup>6</sup> BARROS, José d' Assunção. Diálogo entre dois cancioneiros. O trovadorismo galego-português nos séculos XIII e XIV. In: *REVISTA LETRA MAGNA*. Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, Lingüística e literatura – ano 02 – n. 03, 2º semestre de 2005, p. 3.

<sup>7</sup>SILVEIRA, Aline dias da. Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria. In: PEREIRA, Nilton M., CROSSETTI, Cybele de A., TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medievo*. GT Estudos Medievais/ ANPUH-RS. São Leopoldo (RS): Oikos, 2009, p. 58.

exemplo, se refere a um milagre ocorrido nas cortes celebradas em Sevilha no outono 1281, próximo ao fim do reinado. As *Cantigas de Santa Maria* sobreviveram em quatro manuscritos separados, todos datados da segunda metade do século XIII: O *Codex Toledano* que está conservado atualmente na Biblioteca Nacional da Espanha: trata-se primeira coleção saída da corte do rei, após 1257, e contém 128 composições com notação musical em 160 folhas de pergaminho. O Segundo Códice está conservado na *Biblioteca Escorial*, também na Espanha, sendo o mais completo e contendo 417 cantigas ilustradas com 40 iluminuras, e leva notação musical. Há também um segundo códice na *Biblioteca Escorial* com 198 cantigas, notação musical e iluminuras, e o códice de Florença, conservada na biblioteca nacional desta cidade contendo 104 cantigas. Para este trabalho nos utilizamos da respeitada edição impressa de 1990 da Real Academia Espanhola<sup>8</sup> e também consultamos o site Domínio Público<sup>9</sup> pela confiabilidade e agilidade no acesso a informação.

Para Marina Kleine, a ideologia do rei sábio perpassa toda a sua obra sendo marcante a presença do rei nos poemas<sup>10</sup>. Além das

---

<sup>8</sup> Alfonso X el Sabio. Cueto, L.A.d,Ribera, J., & Real Academia Española (1889). *Cantigas de Santa Maria*, Madrid, 1990.

<sup>9</sup> <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acessado em 01/01/2015

<sup>10</sup> KLEINE, Marina. *El rey que es fermosura de Espanna*: as concepções do poder real na obra de Afonso X de Castela. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Jose Rivair Macedo, p.11.

Cantigas de Louvor à Santa Maria, atribui-se a Afonso X 44 cantigas profanas da qual a maioria são de escárnio. Nestas o rei criticava o pouco valor mostrado na guerra pelos soldados e reprovava fidalgos e outros covardes que abandonavam as fronteiras conforme mostra a Cantiga n.42 “o que da guerra leou cavaleiros/ e a as terra foi guardar dinheiros. Non vem al maio”. Muito mais violenta é a cantiga de escárnio que tem como estribilho “maldito seja” aos que se retraíram de entrar na terra dos mouros. [Cantiga n 60]<sup>11</sup>.

Afonso X, além de reunir diversos jograis e trovadores em sua corte, contava com a tradição da centenária escola de tradutores de Toledo e mandou traduzir várias obras do árabe e do latim. Enquanto em outros reinos se empregavam as línguas vernáculas somente para poesia, Afonso X optou pelo idioma romance para suas traduções. Aline Dias da Silveira ressalta a fundamentação prática de traduzir textos do árabe para o castelhano e demonstra como o reconhecimento do outro, na aquisição de saberes, consiste num passo importante para a convivência e para prática da tolerância medieval, que São Tomás de Aquino definiu como pragmática – deve tolerar algum mal para que o mal maior seja evitado<sup>12</sup>. Afonso X praticou isso devido a uma necessidade de organizar formas de convívio no contexto peninsular do

---

<sup>11</sup> JIMENEZ, Manuel Gonzalez *op.cit.* p 434.

<sup>12</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. FRONTEIRAS DA TOLERÂNCIA E IDENTIDADES NA CASTELA DE AFONSO X. In. FERNANDES, Fátima Regina (Coord.) *Identities e Fronteiras no Medievo Ibérico*. Curitiba: Editora Juruá, 2013. p. 134.

século XIII. Judeus e muçulmanos pagavam seus impostos diretamente a Afonso X de Castela, e eram submetidos bem como as suas propriedades, à proteção do rei cristão<sup>13</sup>. Paralelamente, o rei Sábio contava com o apoio dos não cristãos contra possíveis levantes da nobreza, pois as minorias religiosas deveriam ser integradas de alguma forma ao corpo do reino onde o rei, como é descrito nas *Siete Partidas*, é a cabeça, coração e alma<sup>14</sup>.

Afonso X também capitaneou obras historiográficas: o jovem monarca foi um leitor voraz das crônicas do arcebispo de Toledo e acreditava na história como instrumento de justificação de sua própria política, conforme ressalta Manuel Gonzalez Jimenez<sup>15</sup>. A *Primeira Crônica General de Espana* foi concebida para servir de suporte para sua reclamação do império e hegemonia sobre a *Hispania*, com a afirmação rotunda de um passado unitário do reino e exaltação da luta de Reconquista dos territórios muçulmanos<sup>16</sup>. Cabe aqui, ressaltar a participação da autoria do Rei citando um trecho da crônica:

“el Rey fazer um libro, non porque él escriba com sus manos, mas porquecompone las razones dél, e las emenda e yegua, e enderesça, e muestra lamanera de como se deben fazer, desí escribelas qui él

---

<sup>13</sup> *Id.*, p.135

<sup>14</sup> *Id.*, p. 139

<sup>15</sup> JIMÉNEZ, Manuel Gonzalez. *Op.cit.*, p. 428.

<sup>16</sup> *id.* P. 428

manda, pero dezimos poresta razón: el rey el çibro” [GE, I, XVI, cap. 13].<sup>17</sup>

Adeline Rucquoi acrescenta que a batalha *Las Navas de Tolosa* travada em 1212 sob a liderança de Afonso VIII de Castela, configurou uma marca de unidade, construída através do grande empreendimento da reconquista territorial, que posteriormente irá existir apenas na pena dos cronistas.<sup>18</sup> O mais importante arquiteto do relato da batalha foi Rodrigo Jimenez de Rada que esteve presente desde a organização até o fim, utilizou-se de um critério cronológico e inovações na narrativa em sua escrita, que futuramente iria modelar a escrita de um dos mais importantes relatos castelhanos: *História de España*, realizada pelos historiógrafos da corte de Afonso X. Trata-se de uma versão ampliada e dramatizada da batalha, que narra a reação cristã como decisiva para vitória sobre o inimigo. Para José Rivair Macedo esta narrativa valoriza a ideia da unidade dos cristãos em torno do rei de Castela e os historiógrafos afonsinos não hesitaram em colocar o rei como figura central do relato<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> In. JIMÉNEZ. *Op.Cit.* P 431.

<sup>18</sup>RUCQUOI, Adeline, *História Medieval da Península Ibérica*. Trad. Lisboa: Estampa, 1995.p, 177

<sup>19</sup> MACEDO, José Rivair. *Entre a Cruz e o Crescente: cristãos, afro-muçulmanos e a batalha de Las Navas de Tolosa (1212)*, In Guimarães, Marcella Lopes (org.) *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais* – Curitiba. Ed. UFPR, 2013, p, 83.

No século XIII período em que a guerra era uma atividade contínua, que contava com a lealdade de homens ligados uns aos outros por laços de fidelidade, havia uma demanda por unidade e coesão em torno do rei. Para Afonso X assim como para outros monarcas do século XIII, comprometidos com o projeto de centralização do poder real, tratava-se de tentar diminuir a autonomia e os poderes dos grandes senhores que, como vassalos do rei, contavam com a devoção de seus próprios vassalos. A própria organização econômica do reino podia gerar mecanismos de controle régio junto com a construção de discursos didáticos, como as *Cantigas de Santa Maria* escritas pelo rei. Estes modelos seriam absorvidos e readequados em obras futuras solidificando a imagem de um passado comum e de homens ideais através de um discurso cronístico-historiográfico, conforme expôs Fátima Regina Fernandes, especificamente no caso português<sup>20</sup>.

José Rivair Macedo ressalta que os historiadores no reinado de Afonso X, retiraram da Crônica de Rodrigo Jimenez de Rada, a descrição do preparo dos guerreiros para o combate onde confessavam os pecados e comungavam. Segundo a Crônica, na bandeira dos três reis cristãos reluzia a imagem da Virgem Maria que os protegiam contra o infiel.<sup>21</sup> Vemos aqui a inserção do relato no projeto mariano de Afonso

---

<sup>20</sup> FERNANDES, Fátima Regina (Coord.) *Identidades e Fronteiras no Medievo Ibérico*. Curitiba: Editora Juruá, 2013. p. 43.

<sup>21</sup>MACEDO, José Rivair, *Op Cit.* p. 84.

X que assumia um papel unificador em seu reinado caracterizado por conflitos entre diversas entidades políticas. Bem como as crônicas e obras jurídicas, as *Cantigas de Santa Maria* também nos oferecem uma contribuição para o estudo das relações régio-nobiliárquicas, mais do que um monumento estético/literário eram também uma ferramenta política.

Nesse sentido, Paulo Roberto Sodré reforça que Afonso X foi herdeiro de uma corte sensível às atividades trovadorescas, tendo como referência tanto a de seu bisavô Afonso VIII (1158-1214), como a de seu pai Fernando III. Convivendo com uma plêiade de intelectuais e trovadores, e produzindo cantigas de diversas claves e gêneros, reconheceu a importância de regularizar esse convívio que demonstra sua preocupação com a formação cultural do seu reino e sua corte<sup>22</sup>. Para o autor, as cantigas de escárnio e maldizer não contradiziam a produção lírica amorosa e religiosa; apesar de serem gêneros distintos, eram ao mesmo tempo autônomos e interligados, vista sua natureza de jogo cortês.<sup>23</sup> Ainda segundo o autor:

As Cantigas satíricas não apenas jogos lúdicos, denúncias ou juízos moralistas, são jogos de palavras que oscilam entre a brincadeira e o testemunho lúdico de uma história, exagerando e deturpando

---

<sup>22</sup> SODRÉ, Paulo Roberto, 1962 – *O riso no jogo e o jogo do riso na sátira galego portuguesa* – Vitória: EDUFES, 2010. P, 48.

<sup>23</sup> *Id.*, p, 155.

dados, personagens e situações vistas com riso. Compondo com as demais cantigas o repertório cortês de diversão trovadoresca.<sup>24</sup>

Já nas *Cantigas de Santa Maria*, um gênero moralista por excelência, o Rei Sábio condenava, portanto, os escarneedores que trovam para outras mulheres, que não a Virgem, conforme percebemos na Cantiga nº 16 “Quen dona fremosa e bõa quiser amar, am’ a Groriosa e non poderá errar”. O amor cortês para com a dama é transferido então para amor à Virgem Maria. Para compreendermos o contexto de produção destas cantigas, cabe aqui definir como Afonso X entendia o ambiente de corte: como um ambiente político, pois como aponta Sodré, na segunda *Partida* de Afonso X a corte é definida como o lugar onde o rei, seus vassalos e seus oficiais se reúnem para deliberar o que é justiça. Um lugar onde se configura o modelo de comportamento, polo de ética e educação, enquanto no palácio se reúne o rei para deliberar assuntos de Estado, alimentar-se e distrair-se. O autor ressalta que o Rei Sábio, tentou tornar sua corte um lugar onde se equilibrassem os negócios de Estado e as suas alegrias<sup>25</sup> onde as cantigas se faziam onipresentes.

Era lá que Afonso X se relacionava com a sua nobreza, neste mesmo contexto onde pairava uma atmosfera de descontentamento e

---

<sup>24</sup> *Id.*, p, 56.

<sup>25</sup> *Id.*, p, 43.

revolta em virtude de sua política centralizadora. As *Cantigas* eram, portanto, uma importante ferramenta na mediação de conflitos entre a nobreza e o monarca, atuando em conjunto com a legislação e produção historiográfica, integrando-se então ao projeto de construção de uma identidade unificadora centrado na figura do Rei, propondo um conjunto de valores e modelos à nobreza, pois conforme interroga Fatima Regina Fernandes: o que se pode uma monarquia medieval, sem o apoio de sua sociedade política?<sup>26</sup>

Devemos lembrar que, nos séculos XII e XIII, grande parte dos recursos da nobreza provinha da Coroa, como o recebimento do soldo durante as campanhas militares. Era a Coroa também que fornecia à nobreza honras e funções de governo em certas circunscrições territoriais. No entanto, Adeline Rucquoi ressalta:

Para a nobreza o século XIII foi um período de crise e de readaptação. O fim das operações da Reconquista, teve como consequência o esgotamento desta fonte de proveitos que a guerra representava, prisioneiros, cavalo, gado. O poder real apoiado pelo direito romano acentuou sua centralização, enquanto o fim das grandes campanhas da reconquista tirava à nobreza a justificação fundamental de defensores.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> FERNANDES, Fátima Regina. O Poder do relato da Idade Média Portuguesa: A Batalha do Salado de 1340. In. GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.) *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais* – Curitiba. Ed. UFPR, 2013.

<sup>27</sup> RUCQUOI, Adeline, *Op Cit*, p. 220.

Os anos de 1270 a 1330, imediatamente posteriores ao fim das operações de *Reconquista*, foram perturbados por múltiplas revoltas de nobres que tomaram partido dos membros das famílias reais contra os possuidores do poder central. Em 1282 em Castela a nobreza tomou partido do segundo filho de Afonso X, Sancho, em revolta contra seu pai. Apesar deste contexto conturbado de conflitos internos, é inegável que os reinados de Fernando III e Afonso X lançaram as bases da hegemonia castelhana na península. Marina Kleine reforça que Afonso X estabelecia uma relação de equivalência entre os poderes de imperador e do rei, tal como um imperador em seu reino, reivindicava para si o monopólio legislativo e utilizou todo o aparato ideológico para justificar sua atuação como legislador<sup>28</sup> recorrendo a juristas e especialistas em direito romano para redigir códigos de uso geral e celebrou frequentemente cortes que representavam todos os reinos, conflitando com os tradicionais *fueros* baseados nas sentenças dos juízes locais.

Nas últimas décadas do século XIII os legistas da corte de Afonso X de Castela sistematizaram no livro II, título 23 das *Siete Partidas*, as características e condições nas quais se devia fazer a

---

<sup>28</sup> KLEINE, Marina. “*O Fuero Real e o projeto político de Afonso X*. In. MULLET PEREIRA, Nilton; CROSSETTI DE ALMEIDA, Cybele; TEIXEIRA, Igor S. (org.). Reflexões sobre o medievo. Práticas e saberes no ocidente medieval. Oikos 2009. p.171.

guerra<sup>29</sup>. Em suma, ela deveria ser movida contra os inimigos internos e externos que ameaçavam a estabilidade do reino e o projeto centralizador do Rei. Ainda assim, os nobres e as cidades se opunham tenazmente ao projeto Afonsino:

Los nobres y las ciudades se oponían tenazmente a los planes alfonsíes de reconstrucción y él mesmo abandono la guerra contra los musulmanes para intervenir em la política italiana. Descontentos com él y sin possibilidade de razziar la Andalucía muçulmana, los nobles caomenzaron a pelear entre sí. Lá guerra civil Llegaba a ser endémica a medida que la jefatura real iba volviéndose menos efectiva.  
<sup>30</sup>

Mas não era somente através das leis que Afonso X visava consolidar seu projeto centralizador. As cantigas também desempenhavam um importante papel, conforme Paul Zumthor que destaca: “a maioria da nobreza do século XIII permanecia iletrada, em virtude dos tipos de saber exigidos por sua função e situação social, que nada tinham a ver com a prática da leitura”<sup>31</sup>. Ao realizar o levantamento de 32 canções de gesta, o autor se depara com um jargão

---

<sup>29</sup> MACEDO, José Rivair. *Op Cit.*

<sup>30</sup> LOMAX, D. W. *Op. Cit.*, p. 212.

<sup>31</sup>. ZUMTHOR, Paul – *A letra e a voz: A “literatura” medieval*/ Paul Zumthor; Tradução Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 107.

cavalheiresco: “o combatente tomado pela fadiga ou desânimo exorta-se a agir de modo que não seja cantada sobre ele uma canção ruim”<sup>32</sup>.

Evidente, portanto, que as cantigas influenciavam a conduta da nobreza guerreira e são uma fonte privilegiada para compreendermos as relações da nobreza com seu rei autor, que se utilizou dos recursos a seu alcance para construir uma unidade e centralidade do reino. A função política e lúdica das *Cantigas de Santa Maria* é evidenciada na CSM<sup>33</sup> 207, que narra um episódio onde um cavaleiro poupa o assassino (também cavaleiro) de seu filho:

*El avia un seu fillo que sabia mais amar  
ca ssi, e un cavaleiro matou-llo. E con pesar  
do fillo foi el prende-lo, e quisera-o matar  
u el seu fillo matara, que lle non valvesse ren.  
Se ome fezer de grado pola Virgen algun ben*<sup>34</sup>

Neste trecho, o pai (cavaleiro) acometido pela tristeza poupa a vida do assassino, recebendo ao fim a graditão da Virgem Maria. Apontamos que esta cantiga estabelece uma relação de fidelidade entre o cavaleiro e a Santa, atuando como um instrumento que visa educar os cavaleiros a conter seus instintos de vingança pessoal e canalizar a

---

<sup>32</sup> *Id.* p. 37.

<sup>33</sup> Abreviatura corrente para *Cantiga de Santa Maria*.

<sup>34</sup> CSM 207

violência para guerra justa, por excelência, acompanhada de promessas espirituais, favorecendo a Reconquista que sacraliza o combate contra os infiéis.

Para Jacques Le Goff, a cristianização dos cavaleiros e, portanto, de sua identidade, foi marcada pelas insistentes referências a santos que lhe foram designados como padroeiros. Sobretudo São Jorge, o santo cavaleiro, cujo papel religioso e social foi frequentemente representando pelo episódio em que ele mata o dragão e salva a princesa<sup>35</sup>, e Miguel Arcanjo, líder dos exércitos celestiais. Na Península Ibérica, as vitórias contra os mouros geralmente eram atribuídas a São Tiago, que teria aparecido miraculosamente em vários combates travados durante a Reconquista Cristã, sendo a partir de então apelidado de Matamoros.

Através do estudo das Cantigas de Afonso X, vemos que Santa Maria também assume essa atitude guerreira, o monarca se remete ao passado, ao narrar uma importante batalha da Reconquista, na CSM 63, onde a fé do cavaleiro triunfa sobre a coragem em consonância então como o projeto mariano e centralizador do rei.

Nesta narrativa o protagonista é um guerreiro ímpar que jamais quis ter paz com os mouros. Quando Almançor ataca São Estevão de Gormaz, guardada pelo Conde de Castela Don Garcia, o cavaleiro

---

<sup>35</sup> LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*, tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 p, 113.

oferece sua participação na hoste do conde para ir ferir os mouros. Antes de ir para batalha decide ouvir a missa que estava sendo ministrada em homenagem à Santa Maria, se arrepende dos pecados e assiste a mais duas missas, chegando então, atrasado para a batalha. O cavaleiro desesperado suplicando para que a Virgem o proteja da vergonha de falta ao combate, monta em seu cavalo e dirige-se rapidamente ao encontro do conde, que lhe diz:

*Ca se vos non fossedes, juro par Deus  
que vençudos fomos eu e os meus;  
mais tantos matastes vos dos mouros seus  
del rei Almançor, que ss' ouv' a recreer<sup>36</sup>.*

Este ponto da cantiga é surpreendente: o Conde parabeniza o cavaleiro pela decisiva e corajosa atuação em combate. Trata-se de um milagre, Santa Maria lutou pelo cavaleiro! Pois um guerreiro fiel à Virgem, logo, ao Rei, jamais poderia cair em vergonha. No medievo, a fama, a honra e a glória são de suma importância para os cavaleiros, a má fama e a humilhação, por faltar a batalha, beiravam ao insuportável.

Jean Flori cita o comportamento excessivo de Rolando, por exemplo, que podemos dizer comportava-se de maneira desmedida, recusava com horror tudo o que pode ser assimilado à covardia, defeito

---

<sup>36</sup> CSM 63

imperdoável dos cavaleiros prontos a tudo para que os jograis e os arautos de armas não possam “cantar uma canção ruim”<sup>37</sup>. O bélico juntamente com a cultura cristã, constituiu um dos pilares definidores da cultura na Idade Média. As batalhas do medievo estamparam páginas de crônicas provenientes de diversas narrativas e relatos. Para Marcella Lopes Guimarães, escrever era afamar: para os homens que lutavam na sociedade medieval ter seu nome celebrado era em si um supremo valor<sup>38</sup>. Esta importância das crônicas e cantigas como veículo para cristalização de modelos – valores e expectativas – no medievo, torna os usos de fontes desta natureza especialmente justificada para a pesquisa historiográfica.

A partir das cantigas trovadorescas é possível captar sutilezas do imaginário medieval e a tentativa de se revelar a construção de modelos, que só faria sentido se tivesse relação com a experiência de vida dos ouvintes. Mais do que isso, segundo José de Assunção Barros as cantigas desempenhavam uma função social e lúdica na sociedade de corte que emerge da sociedade medieval<sup>39</sup> onde se preza a contenção dos sentidos e a fidelidade acima de tudo. A CSM 22, por exemplo, narra a história de um camponês indefeso que é salvo pela Virgem

---

<sup>37</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria: A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média*; tradução Eni Tenório dos Santos- São Paulo: Madras, 2005.

<sup>38</sup> GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.) *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais* – Curitiba. Ed. UFPR, 2013, apresentação.

<sup>39</sup> BARROS, José D'Assunção. *Os trovadores medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas* In: "Alethéia", UFG, Ano 1, vol.01, n°1, abril/maio de 2008.

Maria do ataque de cavaleiros chamados de covardes. Mais uma vez, nos deparamos com uma cantiga de tom moralista, que propõe a contenção dos instintos e da violência desmedida.

Já na CSM 235, nos deparamos com aspectos políticos mais evidentes desta produção poética, através de uma narrativa onde o Rei Afonso X muito doente é atacado por uma conspiração de nobres com o intento de destroná-lo. O rei, no entanto, é curado miraculosamente pela Virgem que o consola, garantindo-lhe que irá frustrar os homens desleais que não souberam retribuir sua generosidade:

*E demais, sen tod' aquesto, fazendo-lles muito ben,  
o que lle pouco graçian e non tyan en ren;  
mais conortou-o a Virgen dizendo: «Non dés poren  
nulla cousa, ca seu feito destes é mui desleal.  
Como agradecer ben-feito é cousa que muito val...*

*Mas eu o desfarei todo o que eles van ordir,  
que aquilo que desejan nunca o possan conprir;  
ca meu Fillo Jhesu-Christo sabor á de sse servir,  
e d'oi mais mui ben te guarda de gran pecado mortal.»  
Como agradecer ben-feito é cousa que muito val...*

*Tod' aquesto fez a Virgen, ca deles ben o vingou;  
e depois, quand' en Requena este Rey mal enfermou,  
u cuidavan que morresse, daquel mal ben o sãou;  
fez por el este miragre que foi começ' e sinal  
Como agradecer ben-feito é cousa que muito val...<sup>40</sup>*

---

<sup>40</sup> CSM 235.

Mais uma vez o rei como trovador estabelece uma relação de fidelidade com a Virgem que o vinga da ingratidão e deslealdade da nobreza. Por meio das cantigas o rei divulgava sua cumplicidade com a Santa, fator de peso numa sociedade onde todos estavam convencidos de que apenas as potências celestes proporcionavam a vitória. A presença das relíquias dos santos e de seus estandartes nos campos de batalha testemunham no mesmo sentido a certeza que têm os cavaleiros (dos dois lados, geralmente) de combater por uma causa justa<sup>41</sup>.

As *Cantigas de Santa Maria*, não traduzem o mundo tal como era, mas revelam modelos e símbolos importantes para compreensão do exercício do poder no contexto histórico do reinado de Afonso X. Refletem a inquietação de um monarca que não hesitou em se utilizar de seus trovadores como uma forma de poder político e para lançar uma série de críticas a nobreza guerreira. Possivelmente essa preocupação de Afonso X para com a fidelidade de seus vassallos teve voz nas cantigas, que informavam os cavaleiros a conduta mais adequada à posição que ocupavam, contribuindo para a construção de modelos e inclusive de uma identidade.

A estas reflexões adicionamos a contribuição dos estudos de Manuel Pedro Ferreira, que analisa a participação musical do Rei Sábio como compositor de melodias. Para o autor, Afonso X foi um dos responsáveis por adicionar ao canto europeu a forma da música

---

<sup>41</sup> FLORI, Jean. *Op. Cit.*, p, 92.

andaluza. O monarca impôs ao círculo palaciano suas excêntricas preferências pessoais que refletiam o isolamento político durante as últimas décadas do seu reinado. O Rei, como compositor, recorria a uma variedade de tipos melódicos que, rara no canto gregoriano, tornou-se comum na tradição trovadoresca europeia a partir do século XIII. Ferreira ressalta que Afonso X era um rei teimoso e incompreendido, instigador de uma confluência palaciana entre cultura islâmica e cultura cristã, a qual na sua excepcionalidade cuidou de dar expressão monumental<sup>42</sup>.

Estas considerações do autor sobre a música vão ao encontro dos estudos de Aline Dias da Silveira, para a qual a música, dança e costumes de modo geral assumem uma forma fluida na zona de fronteira, não mais estabelecendo identidades<sup>43</sup>. Evidenciamos aqui, portanto, a tensão existente entre o projeto centralizador régio de construção de uma identidade única do reino (pautada num passado comum, guerras da Reconquista, crônicas e cantigas) e a pluralidade cultural da península (presente na melodia das mesmas cantigas e nas diversas traduções idealizadas pelo Rei). Percebemos então, que ao

---

<sup>42</sup> FERREIRA, Manuel Pedro. *Afonso X Compositor*. Alcanate, Revista de Estudios Alfonsíes V. V Semana de Estudios Alfonsíes. 2006- 2007 . El puerto de Santa María.

<sup>43</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. FRONTEIRAS DA TOLERÂNCIA E IDENTIDADES NA CASTELA DE AFONSO X. In. FERNANDES, Fátima Regina (Coord.) **Identidades e Fronteiras no Medieval Ibérico**. Curitiba: Editora Juruá, 2013.

mesmo tempo em que Afonso X tentava construir uma unidade em seu reino, ele mesmo estava inserido num ambiente plural que não se encaixava em seu projeto centralizador.

### **Referências:**

#### **Fontes:**

Alfonso X el Sabio. Cueto, L.A.d,Ribera, J., & Real Academia Española (1889). **Cantigas de Santa Maria**, Madrid, 1990.

<http://www.dominiopublico.gov.br>. Acessado em 01/01/2015

### **Bibliografia:**

BARROS, José d' Assunção. **Diálogo entre dois cancioneiros. O trovadorismo galego-português nos séculos XIII e XIV**. In: REVISTA LETRA MAGNA. Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, Linguística e literatura – ano 02 – n. 03, 2º semestre de 2005.

\_\_\_\_\_ **Os trovadores medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas** In: "Alethéia", UFG, Ano 1, vol.01, nº1, abril/maio de 2008

FERNANDES, Fátima Regina (Coord.) **Identities e Fronteiras no Medievo Ibérico**. Curitiba: Editora Juruá, 2013

FERREIRA, Manuel Pedro. **Alfonso X Compositor**. Alcanate , Revista de Estudios Alfonsíes V. V Semana de Estudios Alfonsíes. 2006- 2007 . El puerto de Santa María

FLORI, Jean. **A Cavalaria: A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média**; tradução Eni Tenório dos Santos- São Paulo: Madras, 2005.

GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.) **Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais** – Curitiba. Ed. UFPR, 2013

JIMÉNEZ, Manuel Gonzalez. **ALFONSO X EL SÁBIO**. Editorial Ariel, S.A., Barcelona., 2004. Ariel biografías. 1ª. ed., 2ª. imp. edición.

KLEINE, Marina. **El rey que es fermosura de Espanna: as concepções do poder real na obra de Afonso X de Castela**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Jose Rivair Macedo.

\_\_\_\_\_. **“O Fuero Real e o projeto político de Afonso X**. In. MULLET PEREIRA, Nilton; CROSSETTI DE ALMEIDA, Cybele; TEIXEIRA, Igor S. (org.). Reflexões sobre o medievo. Práticas e saberes no ocidente medieval. Oikos 2009.

LOMAX, D. W. **La Reconquista**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**, tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RUCQUOI, Adeline, **História Medieval da Península Ibérica**. Trad. Lisboa: Estampa, 1995.

SILVEIRA, Aline dias da. **Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria**. In: PEREIRA, Nilton M., CROSSETTI, Cybele de A., TEIXEIRA, Igor S. Reflexões sobre o medievo. GT Estudos Medievais/ ANPUH-RS. São Leopoldo (RS): Oikos, 2009.

SODRÉ, Paulo Roberto, 1962 – **O riso no jogo e o jogo do riso na sátira galego portuguesa** – Vitória: EDUFES, 2010.

ZUMTHOR, Paul – **A letra e a voz: A “literatura” medieval**/ Paul Zumthor ; Tradução Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.